

AS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO¹: PERSPECTIVAS DE APLICABILIDADE NA EDUCAÇÃO SOCIOPOLÍTICA E NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

THE SCIENCES OF RELIGION: PERSPECTIVES OF APPLICABILITY IN SOCIO-POLITICAL EDUCATION AND IN INTERNATIONAL RELATIONS

Ana Carolina Gomes²

Resumo: O estudo científico da religião apresenta sua consolidação e legitimidade, principalmente, nas Ciências da Religião. Esta área de conhecimento apresenta um caráter flexível e plural de estudo das diversas religiosidades, em seu caráter tradicional e dinâmico. Presentes nas Ciências da Religião, encontram-se o estudo teórico e, também, a aplicabilidade do produto do referido estudo. Assim, as Ciências da Religião e esta aplicabilidade se mostram relevantes no cenário mundial atual. Cenário este permeado por pluralidades, encontros e trocas em dinamismos globalizantes. Da mesma forma, destacam-se conflitos e tensões religiosas, tanto em âmbito global, quanto em âmbito local, no caso, o brasileiro. Diante deste cenário, o artigo propõe uma reflexão sobre possibilidades deste estudo teórico ser aplicado na educação sociopolítica e nas relações internacionais.

Palavras-chave: Ciências da Religião, Ciência Prática da Religião, Educação Sociopolítica, Relações Internacionais.

Abstract: The scientific study of religion presents its consolidation and legitimacy, about everything in the Sciences of Religion. This knowledge area presents a flexible and plural character of study about several religiosities, in their traditional and dynamic character. Present in the Sciences of Religion, we find the theoretical study and the applicability of the product of said study as well. Thus, the Sciences of Religion and this applicability are relevant in the current world stage. This scenario is permeated by pluralities, encounters and exchanges in globalizing dynamisms. Likewise, conflicts and religious tensions stand out, both globally and locally, in this case, the Brazilian. Given this scenario, the article proposes a reflection on the possibilities of this theoretical study to be applied in socio-political education and in international relations.

Keywords: Religious Science, Practical Science of Religion, Socio-political Education, International Relations.

¹ Optamos por usar a nomenclatura vigente na PUC-MG.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela (PUC-MG), Bolsista FAPEMIG, carolgomes.socio@yahoo.com.br

Introdução

As Ciências da Religião se consolidaram como uma área de conhecimento no Brasil, recentemente. A partir de uma pluralidade metodológica, apresentam a religião como seu objeto de estudo. Buscam uma compreensão, seja em uma perspectiva teórica, seja através de abordagens empíricas, do fenômeno religioso, em sua história, concepção, dinâmica e relações e manifestações com a sociedade, na política, economia, cultura, dentre outras, sem uma perspectiva valorativa.

O cientista da religião desenvolve sua pesquisa de forma autônoma, ou seja, não institucionalizada. O mesmo deve manter um distanciamento do seu objeto de estudo, seguindo uma legítima metodologia, se abstendo de julgamentos e influências de sentimentos e mantendo a honestidade intelectual (GRESCHAT, 2005).

O cientista da religião, ao desenvolver seu trabalho, se confrontará com a diversidade de linguagens utilizadas pelas religiões para expressar sua cosmovisão. A linguagem é a forma pela qual os seres humanos se comunicam e interagem. A partir dela, há a produção, condensação e reprodução de ideias, ou seja, há a construção do mundo cultural. Assim como, cada grupo social, etnia e sociedade produz e reproduz linguagens, em um movimento de codificação e decodificação, a religião também assim o faz. Para tal, a religião se utiliza de ritos, mitos, linguagem oral, linguagem escrita, linguagem gestual, iconográfica e demais (NOGUEIRA, 2013).

O conhecimento construído pelo cientista da religião, por meio do seu estudo não deve ficar somente na academia, nas bibliotecas e na teoria, é o que pensam alguns teóricos. Há um discurso e busca pela aplicabilidade desta teoria. Neste sentido, as Ciências da Religião “vão” para a prática. São inúmeros os campos onde as Ciências da Religião podem aplicar suas teorias, seja no turismo, nas relações internacionais, no ensino religioso e na educação sociopolítica, dentre outros.

Em um cenário global permeado de significações, permeado por uma pluralidade de sentidos e linguagens, o encontro com o outro também pode desencadear tensões e conflitos. Desta forma, a busca por ações teoricamente fundamentadas, que possibilitem minimizar tais tensões, a partir do despertar consciente para o outro, a partir da abertura para o entendimento e respeito ao outro, através do diálogo e mediação, faz-se necessário. Neste sentido, apresentaremos algumas possibilidades dessas ações.

1 As Ciências da Religião

Na segunda metade do século XIX, em consequência das profundas transformações ocorridas no Ocidente, em especial, na Europa, alguns elementos se destacaram em sua contribuição para os novos parâmetros de definição nas ciências naturais e humanas, contribuindo para o surgimento da disciplina “história das religiões”, são eles: o declínio da hegemonia cristã no Ocidente e a exigência de se confrontar, de maneira cada vez mais sistemática e crítica à tradição cristã (FILORAMO; PRANDI, 2015, p. 06-07).

A referida disciplina propunha um estudo comparado das diferentes tradições religiosas, objetivando a reconstrução da história da evolução religiosa da humanidade, se destacando, assim, Max Müller, conhecido como o fundador da história das religiões. Concomitante ao desenvolvimento da história das religiões, diversos estudos e interpretações acerca dos fatos religiosos se desenvolveram, assim, surge a Ciência da Religião (FILORAMO; PRANDI, 2015, p. 07).

No final do século XIX e início do século XX surge a dificuldade de se definir um modelo único científico, em decorrência, surge uma concepção mais flexível e pluralista apresentando um “politeísmo” metodológico (FILORAMO; PRANDI, 2015, p. 07).

A definição desta nova ciência está presente até os dias atuais e sua discussão se direciona mais sucintamente a duas concepções: ciência ou ciências. Aos que falam em Ciência da Religião, há o entendimento direcionado à existência de um método científico e um objeto unitário. Aos que falam em Ciências das Religiões o entendimento se direciona ao pluralismo metodológico e pluralismo do objeto (FILORAMO; PRANDI, 2015, p. 12).

Em decorrência dos entendimentos, aqui, se entende a pluralidade dos métodos e a unicidade do objeto, neste sentido, este trabalho seguirá a definição da área de conhecimento e campo disciplinar acadêmico: Ciências da Religião.

Assim, para Moraes Júnior:

As Ciências da Religião são estudos interdisciplinares que se veem como uma área de conhecimento em instituições universitárias, sobretudo entre os saberes que investigam as expressões (humanas) das religiões e também sobre os limites e as possibilidades epistemológicas de suas pesquisas. Assim, as Ciências da Religião advêm de um momento importante, que é aquele quando as expressões humanas do sagrado são estudadas como temas de análises e compreensões teóricas no horizonte das Ciências Humanas – mas, nunca rejeitando a interdisciplinaridade e a cooperação científica, inclusive com as outras grandes áreas do conhecimento (2015, p. 81).

Esse caráter inter, pluri e transdisciplinar das Ciências da Religião, se apresenta relevante também para fora do espaço acadêmico, em destaque, para o ensino escolar no Brasil. O reconhecimento da especificidade das Ciências da Religião é destacado por Baptista:

Apesar de existirem posições diversas, considera-se que o curso mais adequado para a formação do docente do Ensino Religioso é o de Ciências da Religião. Boa parte da literatura e das pesquisas da área aponta nessa direção. Não só a natureza interdisciplinar oferece amplo espaço teórico e metodológico para a formação sobre o fenômeno e o campo do “religioso”, incluindo a descrença, o agnosticismo e o ateísmo, mas, também, porque pode fundamentar uma perspectiva de ensino religioso de natureza laica (2015, p. 116).

Em relação ao pesquisador que se propõe a se inebriar nas fontes das Ciências da Religião, há certas especificidades, embora, enquanto cientista, o mesmo segue os passos para a legitimidade do seu estudo. Este pesquisador é o cientista da religião.

Para Greschat, os cientistas da religião veem a “religião”, seu objeto de estudo, em sua totalidade, mesmo que apresentem uma pesquisa detalhada, os mesmos são autônomos em seu trabalho de pesquisa, não realizando, neste sentido, um trabalho institucional (2005, p. 155).

Greschat ainda aponta que este objeto de pesquisa, a “religião”, é algo concreto e que pode ser estudado a partir de quatro perspectivas: como comunidade, como sistema de atos, como conjunto de doutrinas ou como sedimentação de experiências. A maior dificuldade de estudo, seria, para o autor, a experiência religiosa, considerada seu elemento central. A experiência religiosa não é somente vivenciada pelos adeptos, é, também, expressa em obras de arte, em ritos e demais formas de manifestações (2005, p. 24-25).

Na realização do seu trabalho, os cientistas da religião, assim como os demais cientistas, seguem um caminho legítimo de pesquisa. Enquanto pesquisadores, devem buscar formas lícitas para o desenvolvimento do seu trabalho, afastando-se de julgamentos e influências de sentimentos, devem manter a honestidade intelectual e, dentro da possibilidade, consultar os adeptos, que, neste sentido, será um teste de segurança que permitirá diferenciar a validade das descrições (GRESCHAT, 2005, p.157).

Desta forma, o cientista da religião apresentará à comunidade científica e à população, informações, aspectos e elementos de determinada religião que podem possibilitar um outro olhar para a mesma, em um vislumbamento da quebra de preconceitos e abertura ao diálogo inter-religioso. Este ponto será tratado nos próximos tópicos.

2 A Ciência Prática da Religião

Ao buscarmos um entendimento sobre a “Ciência Prática da Religião” encontramos em Udo Tworuschka (2013) a diferenciação entre ciência pura e ciência aplicada. Desta forma, o autor esclarece: “ciência pura é caracterizada pelo seu interesse exclusivo no conhecimento, ao passo que as ciências aplicadas estão interessadas em desenvolver normas, modelos e procedimentos para uma “prática baseada na ciência” com a ajuda das percepções da ciência pura” (TWORUSCHKA, 2013, p. 578).

Em continuidade, Tworuschka, aponta-nos algumas das especificidades desta nova disciplina da Ciência³ da Religião que apresenta uma identidade própria, opções teóricas típicas, questões, procedimentos metodológicos e um viável e benéfico interesse epistêmico, bem como, uma área própria de assunto (2013, p. 579). Assim, ao combinar com diferentes áreas do conhecimento como a Psicologia, as Ciências Sociais e a Ética Aplicada, dentre outras, em um movimento inter e transdisciplinar, a Ciência Prática da Religião se mostra interessada em desenvolver normas, modelos, tarefas organizacionais para a ação (TWORUSCHKA, 2013, p. 579).

Desta maneira, a Ciência Prática da Religião apresenta-se como parte da comunicação e processos de reflexão, neste sentido, seu foco direciona-se para os problemas sociais, individuais e societais, podendo contribuir, assim, para a decodificação, tomada de decisão, planejamento e implementação de ações que contribuam para amenizar tais problemas (TWORUSCHKA, 2013, p. 582-583).

Passos aponta-nos a importante contribuição de estudos e pesquisas que ultrapassam as análises do religioso em si, examinando os laços e as interferências com a sociedade, com a política, a economia, a cultura e a educação. A partir da sua perspectiva inter e transdisciplinar, a Ciência da Religião, apresenta, em sua aplicabilidade do teórico, ou seja, dos estudos acerca dos fenômenos religiosos e instituições religiosas, também, as relações das mesmas com as demais áreas sociais, como a política, a economia e a educação (2013, p. 634-635).

A Ciência Prática da Religião, ou, Ciências Práticas da Religião estão inseridas em um contexto de grandes transformações, trânsitos, rapidez e diversidade informacional e contatos e interpenetrações culturais. Novas e antigas formas de organizações sociais dividem o mesmo espaço geográfico e simbólico. Entre novas e antigas identidades culturais e religiosas, o desenvolvimento de novas abordagens e metodologias fazem-se necessárias para, não somente compreender as instituições religiosas e o homem religioso, mas, também, para

³ Termo utilizado pelo autor. Como dito acima, nosso entendimento é pela utilização de “Ciências”.

compreender que este homem religioso é um ser político, econômico, cultural, histórico e social.

Desta forma, para além da compreensão teórica, a aplicabilidade do conhecimento das Ciências da Religião mostra-se fundamental em um cenário global de diversidades, complexidades, arbitrariedades e conflitos. Assim, traremos abaixo, algumas possibilidades para a aplicabilidade das referidas ciências.

3 A aplicabilidade das Ciências da Religião na educação sociopolítica

Ao direcionarmos nossa análise para a aplicabilidade das Ciências da Religião na educação sociopolítica, caminharemos para o entendimento do processo de formação do indivíduo enquanto ser social. Desta forma, encontramos em Rodrigues (2001) alguns apontamentos sobre este processo.

Rodrigues destaca que a Educação é o meio através do qual ocorre a preparação e a integração plena dos indivíduos para serem sujeitos na vida pública (2001, p. 09). Este processo de formação ocorre em dois planos distintos e complementares: um de fora para dentro e outro de dentro para fora. Desta forma, este ato de transformação do ser biológico em ser social é conhecido por Educação (RODRIGUES, 2001, p. 09).

Assim, a Educação “coopera para estender a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender as coisas, para se reconhecer na percepção do outro, constituir sua própria identidade, distinguir as semelhanças e diferenças entre si e o mundo das coisas” (RODRIGUES, 2001, p. 12). Para Rodrigues, a cidadania se constitui nos fundamentos da liberdade, da autonomia e da responsabilidade, e, por suas condições serem construídas histórica e socialmente, a Educação tem o papel central neste processo de formação do cidadão, na formação do sujeito pleno de exercício da cidadania (2001, p. 07-09).

Dessa forma, Rodrigues entende que para a tarefa da Educação ser completa, “o humano deverá ser formado para a ação cooperativa, para a solidariedade, para a aceitação do outro, para a noção de limites e para construir a noção de dever”. Formação esta que nos leva à construção e ao desenvolvimento dos princípios da Ética e da Moral, necessários a todos os homens (RODRIGUES, 2001, p. 17).

Segundo Brandão, a educação está por toda parte, na casa, na rua, na igreja, na escola. Desta forma, de uma maneira ou outras, “todos nós envolvemos pedaços de vida com ela para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar” (1981, p. 07). Para o autor, a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que

envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades e esta é a sua força (BRANDÃO, 1981, p. 11-12).

A educação, este meio pelo qual os indivíduos passam da condição de seres biológicos para seres sociais, é reconhecida em todas as civilizações em seus diferentes estágios de desenvolvimento (BRANDÃO, 1981). Institucionalizada (escolar) ou não, é a partir dela que tanto os indivíduos, quanto os grupos sociais se constroem e constroem sua identidade, seus valores, sua percepção de mundo. Assim, os indivíduos aprendem a se ver e a ver o outro, a conviver, a pensar, a reproduzir e transformar antigas e construir novas maneiras de ser.

Ao voltarmos nosso olhar para o processo educacional brasileiro, Passos aponta para o processo histórico de formação do Brasil. O autor delinea, no processo de constituição do nosso país, a relação entre a religião e a educação (PASSOS, 2013). A Igreja Católica foi, por séculos, a religião oficial do Brasil e a responsável pela educação. Apesar de não manter esta oficialidade e, apesar da inserção de elementos de outras religiosidades na cultura brasileira, ainda hoje, a religiosidade católica é majoritária.

Passos informa que no período republicano, um setor da elite brasileira passou a defender este regime considerando-o um caminho para criar uma sociedade moderna, alimentada pela ideia de progresso. Cita José Murilo de Carvalho ao indicar que até a década de 1930 não havia povo organizado politicamente nem sentimento nacional consolidado (PASSOS, 2013, p. 632).

Segundo o autor, a educação passou a estabelecer uma conexão maior com o sistema produtivo, a cultura laica e o Estado. O saber prático, um novo humanismo e a ciência contribuíram para o estabelecimento de uma nova tendência cultural e a educação passou a ocupar um lugar de destaque no projeto republicano (PASSOS, 2013, p. 632).

Passos destaca que “a promoção do ecumenismo possibilita o desenvolvimento de muitos programas tais como uma educação solidária, o reconhecimento da alteridade, a prática da cidadania, a construção da paz entre os povos e o exercício político” (2013, p. 637). Em uma análise metodológica, o autor entende que esta é uma prática transdisciplinar que educa e forma, ao mesmo tempo em que é educadora e formadora (PASSOS, 2013, p. 637).

Por estar inserida em uma sociedade, a religião é aprendida, vivenciada e reproduzida no espaço social, espaço social este que se constitui, a partir de um significado político, e “o espaço político é o espaço das relações sociais” (PASSOS, 2013, p. 631). Desta forma, vivenciar a religiosidade é um ato político.

O espaço público, aqui entendido como o espaço onde todos têm acesso, uso e posse para exercício da cidadania, está permeado de individualidades, diversidades e pluralidades de percepções de mundo, interesses e cosmovisões. Entre encontros, permeações, trocas mútuas e interpenetrações culturais e religiosas, também florescem os preconceitos, as tensões, as desigualdades e os conflitos.

Sinalizando para o contexto brasileiro, ressaltamos a intolerância religiosa como uma forma explícita dessas tensões e conflitos religiosos. Desde os primórdios da colonização do país, a partir do contato dos portugueses cristãos com os indígenas e, posteriormente, com a vinda dos africanos, na condição de escravos, para o Brasil, a intolerância religiosa se faz presente. A imposição do catolicismo e sua condição de religião oficial do país prevaleceram por séculos, inclusive, utilizando-se de argumentos religiosos para a legitimação do sistema escravocrata (WACHHOLZ, 2011, p. 04-06).

Asseguradas por lei, na Constituição de 1988, a liberdade de crença e de consciência e o livre exercício dos cultos, ainda assim, as religiões afro-brasileiras, em especial a Umbanda e o Candomblé, voltam a sofrer as consequências da não compreensão e respeito às suas cosmovisões e práticas religiosas. Assim como, investidas e ataques contra seus membros e templos, porém, agora, não mais por parte do Estado e seus agentes públicos e sim, por membros de outras tradições religiosas⁴.

No atual cenário religioso brasileiro, que apresenta, em destaque, a intolerância religiosa, direcionada para a desqualificação e combate às religiões afro-brasileiras e seus membros, as Ciências da Religião aplicadas à educação sociopolítica se mostram relevantes na busca de uma reflexão e um diálogo entre as diversas religiões que compõem o campo religioso brasileiro.

O desenvolvimento de ações que promovam mediações, diálogo e abertura para o entendimento e enfrentamento dos preconceitos e demais formas de conflitos religiosos se mostram pertinentes ao contexto brasileiro atual. Desta forma, os estudos das Ciências da Religião aplicados à educação sociopolítica se apresentam como uma possibilidade de articulação entre os agentes partícipes dos processos de formação e construção coletivas de cidadania, bem como para a promoção de uma conscientização para a vida em comum.

4 A aplicabilidade das Ciências da Religião nas relações internacionais

⁴ Ver mais em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-ainda-e-desafio-a-convivencia-democratica>

Iniciando este tópico que se refere à aplicabilidade das Ciências da Religião nas relações internacionais, consideramos necessários alguns apontamentos sobre o processo denominado *globalização*. Desta forma, destacamos em Pace:

a globalização é um processo de decomposição e recomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos dos sistemas de crença e pertencimento. A consequência é o aparecimento de uma dupla tendência: ou a abertura à mestiçagem cultural ou o refúgio em universos simbólicos que permitem continuar imaginando unida, coerente e compacta, uma realidade social profundamente diferenciada e fragmentada (PACE, 1997, p. 31-32).

Acerca desta dupla tendência anunciada por Pace (1997), encontraremos mais autores que irão igualmente identificá-las. Aqui, destacaremos Alberto Santos (2015) que dirá que: “de um lado, a globalização desagrega e provoca crise de identidade nas pessoas, por outro lado, o avanço nos meios de transportes e comunicação facilita o contato com o *outro* que é estranho, diferente de nós” (SANTOS, 2015, p. 16).

Em continuidade ao entendimento sobre globalização, Delfino explica:

a globalização consiste na perfeita inflexão do tempo e do espaço, as fronteiras nacionais tornam-se permeáveis, as identidades são cobertas em detrimento da edificação da pirâmide faraônica da aldeia global. Os cidadãos são cidadãos do mundo, e por perceberem-se deste modo revogam direitos sobre todas as democracias. Os atores religiosos organizados reivindicam mudanças na conduta intra e extra-estatal sobre a problemática pós modernidade. O elemento transnacional é evidenciado na formação de redes e fluxos de ordem financeira, de informação, de pessoas, culturais, e religiosa (DELFINO, 2010, p. 10).

Assim, em análise ao acima exposto, podemos considerar que as transposições de elementos, símbolos e ideologias perpassam os limites geográficos, perpassam as fronteiras dos espaços territoriais. Não existem mais barreiras físicas, estas, são, quando o contato desencadeia uma crise de identidade e tensões, ideológicas.

Desta forma, este processo dinâmico, marcado por relações econômicas, informacionais, culturais, políticas e religiosas, não apresenta possibilidade de um cessar. Trânsitos, migrações e mobilidades são marcados por movimentos de abertura e tentativa de refúgio. Atores religiosos encontram-se em um cenário plural e multicultural que os despertará para movimentos de introspecção ou extrospecção, reafirmando e reavivando sua identidade ou negando e reprovando o outro, em tentativas de eliminação do que não é o seu.

Na tentativa de explicitar esta tendência de, não somente se refugiar, mas, de reprovar ou eliminar o outro, a partir do movimento de desaprovação do que não é o seu, direcionaremos nossa análise para o cenário atual.

Em análise ao cenário mundial em seus aspectos religioso e político, no âmbito das relações internacionais, Santos nos aponta que no contexto pós-Guerra Fria, tanto a revalorização das tradições culturais e religiosas, quanto os conflitos étnico-religiosos, ganharam destaque na geografia política mundial. Para exemplificar tal destaque, o autor cita o atentado terrorista às torres do World Trade Center, nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, tendo a organização fundamentalista islâmica *Al Qaeda* como a responsável pelo mesmo (SANTOS, 2015, p. 14).

Em relação ao contexto pós-Guerra Fria, Pace (2013) também destaca a multipolaridade do mundo em consequência do fim dos dois blocos em que o mundo se encontrava dividido, e que, ao lado das esperanças do desenvolvimento de novas e pacíficas relações internacionais, também começou uma longa série de conflitos que, “fomentados por motivos políticos e econômicos, viram, no entanto, mais e mais envolvimento das religiões”. (PACE, 2013, p. 593).

Sobre atentados terroristas, Aragão chama-nos a atenção para o ano de 2015. Segundo o autor, o referido ano “começou sacudido por vários atentados terroristas, em diversas partes do mundo [...] reivindicados por grupos que se proclamam muçulmanos e pretendem implantar políticas literais do Corão”. Em continuidade, o autor afirma que esses fundamentalismos religiosos expressam as dificuldades culturais de abertura do Oriente Médio e Norte da África para a democracia e a emancipação modernas e, sobretudo, um conflito político entre grupos relacionados à mesma fé islâmica (ARAGÃO, 2015, p. 15-16).

A queda do muro de Berlim parece ser um marco para a ascensão dos conflitos religiosos. Pace informa-nos que estes não são novos, “são cicatrizes mentais e sociais, jamais curadas, que se reabrem”, porém, com uma nova modalidade de aparição no cenário político: as religiões conseguem mandar ao fronte indivíduos de carne e osso contra indivíduos (PACE, 2013, p. 594).

Segundo Pace, as religiões entram em guerra porque acabam servindo como dispositivo simbólico importante nas políticas de identidade, tornando-se a linguagem pública para construir a imagem do inimigo (2013, p. 594).

Tanto Prandi (1997), quanto Santos (2015), percebem a possibilidade de diálogo entre as diferentes ideologias religiosas que “habitam” e “transitam” esta aldeia global. Prandi destaca que “Na relação de aceitação e rejeição do mundo firmada por cada uma pode-se encontrar a chave de articulação religião-mundo-política. Aí, pluralidade religiosa pode ser também pluralidade de concepções políticas ensinadas por diferentes religiões” (1997, p. 67).

Seguindo este entendimento, Santos considera que a globalização possibilita ao ser humano pensar e repensar seus valores, buscando novos caminhos da religiosidade. Religiosidade esta que leve em conta talvez o desenvolvimento da autonomia da fé com *diálogo transreligioso*⁵ e tolerância aberta. O autor entende esta tolerância aberta como uma tolerância sem fronteira, sem distinção de crença na busca de soluções pacíficas dos conflitos na perspectiva da construção de uma *nova ordem espiritual* planetária (SANTOS, 2015, p. 17).

Santos destaca que no século XXI a religião começa a atrair o interesse de estudiosos das Relações Internacionais, uma vez que a religião influencia a política externa de uma das maiores potências mundial da atualidade, a saber, os Estados Unidos da América (2015, p. 15).

Desta forma, ao pensarmos neste processo de globalização, nestes encontros e contatos que, não somente indivíduos, mas, povos, nações e Estados mantem, seja por interesses econômicos, seja políticos ou culturais, há que se pensar nas diferentes formas de diálogo a serem desenvolvidas para que não se tornem ou reafirmem conflitos.

Santos (2015) apresenta uma importante questão para se estudar as religiões nas relações internacionais: o cenário de geopolítica das igrejas. Destacando, no Brasil, a Igreja Católica e as Igrejas Evangélicas. Segundo o autor, estas igrejas exercem influências políticas sobre suas comunidades de fé. Para Santos, as geopolíticas das igrejas possibilitam ações estratégicas para manter e expandir o “capital religioso” das respectivas igrejas, além da influência política através dos meios de comunicação e os fluxos e ações de milhares de missionários cristãos em diversos países do exterior (2015, p. 07).

Assim, aos estudiosos, pesquisadores e analistas dessas relações entre povos e Estados, entre instituições, aqui entendidas como novos atores atuantes no cenário político, entre o Estado e suas estratégias de uso do poder político, este cenário contemporâneo apresenta novas geopolíticas.

O estudo das relações internacionais, embora, do ponto de vista da Ciência da Religião, seja um terreno de pesquisa relativamente novo, pode contribuir com uma compreensão mais adequada da geopolítica contemporânea (PACE, 2013, p. 600). Desta forma, a aplicabilidade das Ciências da Religião nas relações internacionais mostra sua relevância.

Considerações Finais

⁵ Grifo do autor.

A partir da constituição da História da Religião, a religião passou a ser estudada fora do olhar do religioso, do viés pessoal. Associando novos estudos e interpretações acerca deste novo modo de estudo das religiões, surge a Ciência da Religião. A partir da percepção da dificuldade de se definir um modelo científico, esta ciência é substituída por um "politeísmo" metodológico, mais flexível e pluralista.

As Ciências da Religião surgem com suas subáreas, com o objetivo de se estudar a religião a partir de um olhar flexível, plural e transdisciplinar, abrindo o leque para as interpretações e estudos das diversas formas tanto do fenômeno, quanto do homem religioso e suas relações com a sociedade.

Identidades individuais e sociais são forjadas contextualmente. Grupos sociais, povos e nações formam suas identidades, em processos educacionais, através da produção e reprodução de conhecimento e valores para a sobrevivência e vida em comum.

A partir de globalização e dos movimentos de abertura ao outro, reafirmação de identidade e/ou do estranhamento e negação do outro, atores religiosos se mobilizam local e globalmente. Espaços territoriais não são mais limites para a transposição de ideais, de ritos, significados, sentidos e cosmovisões.

Em um mundo onde as fronteiras geográficas não são mais barreiras intransponíveis, obstáculos emergem ideologicamente.

Assim, as Ciências da Religião e sua aplicabilidade na educação sociopolítica e nas relações internacionais se apresentam não só como relevantes, mas, fundamentais para a compreensão e mediação dos conflitos e tensões religiosos nos cenários global e local, onde todos são moradores da mesma aldeia.

Referências bibliográficas

ARAGÃO, Gilbraz. Da intolerância religiosa ao diálogo trans-religioso. *Religare*, v.12, n.1, março de 2015. In: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/27256/14589>. Acesso em agosto de 2017.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *Ciências da Religião e Ensino Religioso: o desafio histórico da formação docente de uma área de conhecimento*. In: <http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/26189/18851>. Acesso em junho de 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em setembro de 2017.

DELFINO, Silas do Carmo. *O estudo da religião nas relações internacionais*. Monografia de graduação em Relações Internacionais. Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2010.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 2015.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2005.

MORAES JUNIOR, Manuel Ribeiro. A dimensão teórica das Ciências da Religião. Uma discussão preliminar. *REVER*, ano 15, n. 02, jul/dez 2015. In: <http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/26186/18850>. Acesso em julho de 2017.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Linguagens religiosas: origem, estrutura e dinâmicas. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013.

PACE, Enzo. Ciência da Religião aplicada às relações internacionais. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013.

PACE, Enzo. Religião e globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PASSOS, Mauro. Ciência da Religião aplicada à educação sociopolítica. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013.

PRANDI, Reginaldo. A religião do planeta global. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. *Educação e Sociedade*, v. 22, n. 76 (2001). In: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a13v2276.pdf>. Acesso em agosto de 2017.

SANTOS, Alberto Pereira dos. Religiões no Brasil e Relações Internacionais no século XXI. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 26, 2015, p. 169-190. In: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/3323>. Acesso em agosto de 2017.

TWORUSCHKA, Udo. Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulus/Paulinas, 2013.

WACHHOLZ, Wilhelm. Identidades Religiosas Brasileiras e seus exclusivismos. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 23, p. 782-798, out./dez. 2011. In:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n23p782>.
Acesso em agosto de 2017.